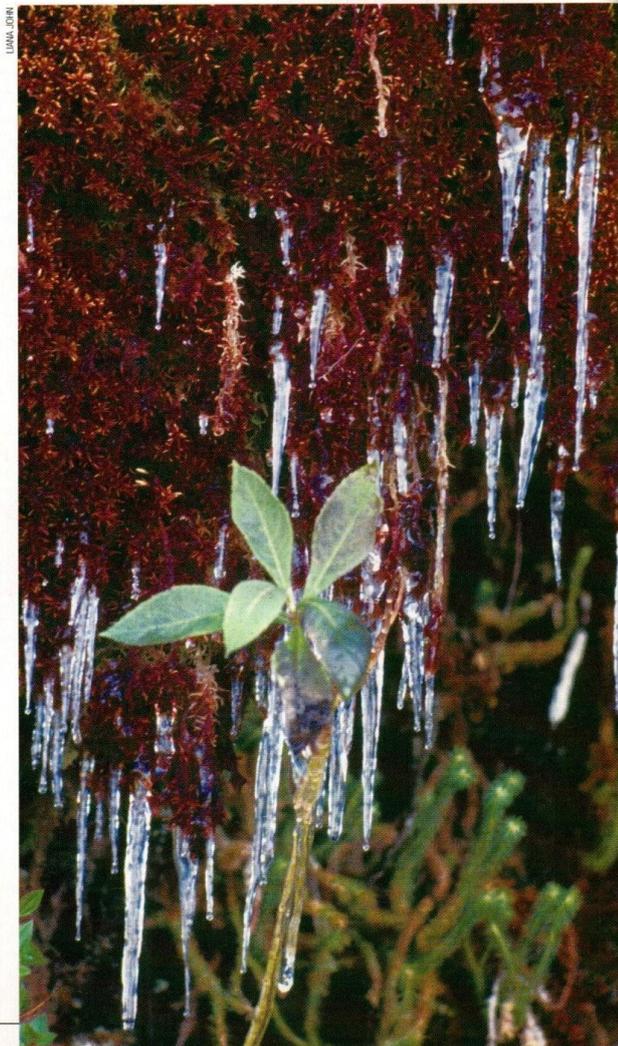


JULHO

Frio e céu azul no Sul, sinais de fumaça no Norte

Baixa umidade do ar, frentes úmidas, frio nas madrugadas, sol quente em céu sem nuvens ao meio dia. Os contrastes dos termômetros marcam o mês de julho e deixam mais cinzentas as paisagens do Centro-Sul brasileiro. Dependendo da altitude, o cinza eventualmente chega ao branco das geadas ou mesmo de alguma neve, nos estados do Sul. Nas matas e cerrados, o colorido das flores e frutos diminui e a dieta dos animais ganha um reforço de folhas, coquinhos, raízes e até cipós. À medida que se viaja na direção da linha do Equador, a paisagem é menos cinzenta e a vida, mais agitada. Na região Nordeste ainda resta algum verde e circulam ninhadas de emas-do-nordeste (*Rhea americana*), ensaiando os primeiros passeios pela caatinga em busca de folhas espinhosas, insetos e gafanhotos. Na Amazônia, as queimadas evoluem do sul para o norte, acompanhando a estação seca e a progressiva perda de umidade da vegetação. Colunas de fumaça marcam, no horizonte, a presença do homem.





RICARDO RODRIGUES

Bandeira chamuscada

Os incêndios, que agora se propagam a partir da beira das estradas ou de queimadas agrícolas mal controladas, ameaçam várias espécies da fauna. Um risco especial para o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), cujo pêlo longo é altamente inflamável. Solitário, silencioso e tranqüilo, o tamanduá costuma perambular por campos, cerrados ou matas, atrás de formigas, térmitas e cupins. Abre ninhos ou cupinzeiros, manejando as fortes garras com grande habilidade, para retirar seu principal alimento com a longa e pegajosa língua que chega a ter 60 cm de comprimento! Um adulto mede até 2 m, do

focinho à cauda, embora pese só uns 35 kg. A época de reprodução não é bem definida e se encontram fêmeas com filhotes nas costas ao longo de todo o ano. Quando ameaçado, o tamanduá se mostra rápido na corrida ou surpreende os predadores voltando-se para enfrentá-los, de pé, com as poderosas garras. Há quem diga que é capaz de levar a melhor na luta com uma onça. Para os índios kaxinawá, é o animal mais valente da floresta e onde ele mora sempre tem caça. Para boa parte da população da Amazônia, o tamanduá é um bicho "encantante", como o boto, e por isso está excluído do cardápio.

Afrodisíaco em flor

Nos cerrados do Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás e Tocantins, julho marca o início das flores da catuaba (*Anemopaegma arvense*). Famosa pelas propriedades afrodisíacas de seus frutos – com os quais se fazem

licores e tinturas – a catuaba tem diversos apelidos populares, como pau-de-resposta e caramuru. O pequeno arbusto de meio metro serve também como planta ornamental nos jardins e quintais do interior.

Em águas quentes

A pescaria de peixes de frio está em alta em julho. O mar está para a tainha, que no inverno procura os estuários em grandes cardumes para se reproduzir. Enchova, olho-de-boi e papa-terra (betara ou embetara) também são localizados mais facilmente nos meses de frio. No Sul, a época é boa para pescar garoupa, peixe com maior incidência na época do calor. A aparente contradição tem explicação: com o frio as garoupas procuram as águas quentes das baías e a concentração delas facilita a captura.

Em águas doces, rios calmos e lagoas, no Sul e Sudeste, o inverno é tempo de black bass, fígado no fundo, com minhoca ou salamandra artificial. Outro peixe originário do Hemisfério Norte, bem adaptado no Brasil é a truta arco-íris, que prefere os rios e riachos de águas rápidas e cristalinas, nas montanhas e terras elevadas. Na Bacia Amazônica, nos rios que voltaram à calha, tempo bom para a pescaria do tucunaré, trairão e jacundá.

Atenção, não confunda...

Em julho, entre os peixes de couro encontrados com facilidade, há dois bem parecidos: o cachara e o caparari. O cachara ou surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*) tem listras transversais zebreadas (foto abaixo). O caparari (*Pseudoplatystoma tigrinum*), espécie exclusiva da Bacia Amazônica, é um pouco maior que o cachara, tem manchas pretas irregulares – como as de um tigre – que começam na região dorsal e se estendem até abaixo da linha lateral. Também tem cabeça achatada, um pouco mais estreita do que a do cachara.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI



RICARDO RODRIGUES